

NYT defende o apoio a

Sarney pode, agora, reverter uma trajetória econômica desastrosa e deve ser ajudado pelos credores,

O ESTADO DE S. PAULO — 47

Sarney

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

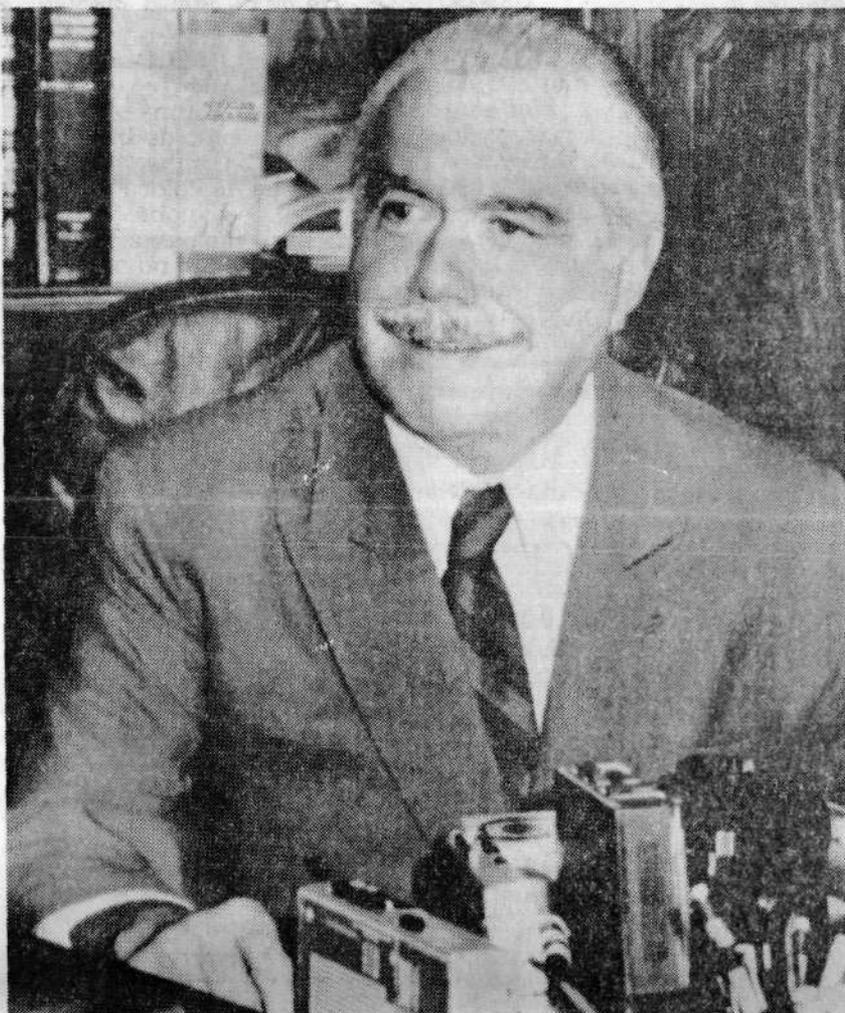
WASHINGTON — Uma “sábia” medida do governo americano e dos credores do Brasil será a de contribuir para o fortalecimento do presidente Sarney em sua luta para manter o rumo de sua nova e liberal política econômica, contra as pesadas pressões protecionistas do Congresso e de setores militares.

O conselho é do influente **The New York Times** e foi publicado num editorial, ontem, sob o título “Avançando aos tropeços no Brasil”, a medida sábia sugerida seria um programa para aliviar o pesado fardo da dívida brasileira. O jornal publica também a informação de que o presidente Sarney deverá ter um jantar de trabalho com o secretário do Tesouro americano, James Baker, e o presidente do Federal Reserve, e o banco central dos Estados Unidos, Alan Greenspan. Participariam ainda do jantar os presidentes do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, do Citibank e do Chase Manhattan Bank.

A notícia surpreendeu a equipe avançada do presidente Sarney em Nova York. E foi desmentida pela Embaixada do Brasil em Washington.

AVANÇANDO AOS TROPEÇOS

“O presidente do Brasil, José Sarney, obteve duas grandes vitórias, nesta semana”, começa o editorial do **Times**, continuando: “Seus negociadores alcançaram um acordo em princípio com o Fundo Monetário Internacional para uma nova ajuda econômica. E o Congresso brasileiro decidiu que ele pode permanecer no poder até 1990. Agora, ele tem espaço para respirar e reverter uma trajetória econômica desastrosa. Quem está de fora — incluindo os bancos americanos — pode ajudá-lo. Mas uma demasiada intromissão acabaria reforçando as forças



EBN - 36/88

Sarney está encontrando defensores para a sua nova política

que precisam ser superadas”.

“O Brasil encerrou 21 anos de regime militar em 1985. Três anos de administração econômica inconsistente sob o sr. Sarney esvaziaram a confiança na economia brasileira, que uma vez já foi bem vista. Um desfile de ministros econômicos empurrou a oitava maior economia capitalista do mundo de um lado para o outro entre o livre consumo e a austeridade, o controle de preços e o consenti-

mento (*laissez-faire*, no original), o protecionismo e a abertura.”

Para o **Times**, “não é tanto a transição para a democracia que deve ser responsabilizada, ou mesmo a falta dela. O sr. Sarney assumiu o cargo sem uma eleição popular e não tinha experiência com instituições democráticas. Ansioso por criar uma base popular, ele tem sido incapaz de resistir a interesses especiais ou de pedir sacrifícios necessários. Isso

alimentou a inflação, a corrupção e a incerteza”.

MUDANÇA

“Estimulado pelo ministro da Fazenda, Malsion da Nóbrega, o sr. Sarney concordou, finalmente, com uma mudança de direção. No mês passado, ele relaxou muitas das tarifas e regulamentos que impedem o comércio exterior e investimento. A folha de pagamento do governo, uma das principais contribuições ao déficit orçamentário e à inflação, foi temporariamente congelada. E a cooperação com o FMI foi de novo reiniciada. Os negociadores brasileiros estão agora esperando para brevemente um acordo com os bancos comerciais para o reescalonamento de US\$ 62 bilhões de sua dívida ativa.”

“Lamentavelmente, uma agenda econômica menos realista está sendo antecipada pelo Congresso brasileiro, que foi eleito por voto popular. Dominado por uma coalizão que envolve tanto a direita quanto a esquerda, ele tem preenchido o projeto de uma nova Constituição com restrições ao investimento estrangeiro, e bloqueou a reforma agrária.”

“Mais alarmante é que os ainda poderosos interesses militares se tornaram de novo decisivos. O sr. Sarney, diante de uma forte oposição popular a seu mandato maior, foi bem-sucedido apenas depois que os comandantes militares se debruçaram pesadamente sobre o Congresso. Os militares ainda são também protecionistas e esbanjadores.”

“Assim, o presidente Sarney vai certamente ser mantido sob forte pressão para abandonar o rumo de sua nova e liberal política econômica. Poderia ser sábio para seus credores — e Washington — reforçar sua determinação com a adoção de um programa sensível de alívio da dívida.” E o editorial do **Times** conclui: “Uma crua exibição de pressões irá somente fortalecer a poderosa mão do nacionalismo econômico brasileiro”.